

A POLÍTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Manuel Gama

(Director do Centro de Estudos Lusíadas)

mrcgama@ilch.uminho.pt

Saúdo:

- Prof. Doutor Acílio Estanqueiro Rocha - Vice-Reitor da UMinho
- Prof. Doutor Lúcio Craveiro da Silva - Presidente do Conselho Cultural da UMinho
- Prof. Doutor Fernando Augusto Machado - Presidente do Instituto de Letras e Ciências Humanas da UMinho
- Prof. Doutor Vítor Manuel Aguiar e Silva – ilustre conferencista
- Senhor Director da Biblioteca Pública de Braga, Dr. Henrique Barreto Nunes, com colaboração neste Colóquio
- Estimados conferencistas e também as moderadoras dos painéis; caros colegas, caros alunos (lembro que a escolha do tema de hoje também foi feita a pensar em vós); distintos participantes neste Colóquio.

A todos deixo uma palavra de agradecimento: uns, porque estão a honrar de uma forma institucional a Abertura deste Simpósio; outros, porque trazem até nós o seu saber; outros, ainda, porque querem comungar desse saber.

I. – No final de 2006, ao planear as suas actividades para 2007, a comissão directiva do Centro de Estudos Lusíadas deliberou que o tema central das suas realizações seria o pensar a língua portuguesa. Depois, tomámos conselho com o Prof. Aguiar e Silva, pessoa avisada, de saber pendular e com um percurso humano e académico por todos reconhecido. Estaremos eternamente gratos pela sua preciosa e generosa ajuda.

II. - Tal como o governo (qualquer que ele seja) tem entre as suas funções o acautelar a agricultura, o zelar pela saúde, tem também obrigação de cuidar da língua. Não é tanto a ortografia; não é uma qualquer TLEBS (Terminologia Linguística para o Ensino Básico e Secundário) que é o mais relevante, sem deixar de o ser, claro. Mas é pela língua que comunicamos; é pela língua que compreendemos o mundo; é pela língua que nos relacionamos com o outro.

III. – O objectivo do Centro de Estudos Lusíadas é «estudar e investigar» a cultura lusíada. E dentre os elementos desta (a sua História; a Literatura e as Artes; as Instituições e Tendências Sociais, etc.), na língua se manifesta sempre um espírito próprio sob variadas formas.

Há umas semanas atrás, o jornalista dos *Sinais*, da TSF, Fernando Alves (que é um verdadeiro sinalizador de palavras soltas; um fixador do essencial do efêmero) dava conta de que em Espanha se tinha proclamado a “adopção” de palavras em vias de extinção. A Ministra da Cultura espanhola adoptou a palavra «pundonor» (palavra de significado muito rico - «sentimento de brio, dignidade; honra; cavalheirismo» - que tem equivalente em português). Empreendimento perspicaz, aquele, pois não podemos deixar morrer as palavras: o vocabulário quanto mais variado mais completo; e quanto mais completo mais verdadeiro. A leitura tem, certamente, papel crucial neste domínio.

IV. – Foi nossa intenção trazer para a discussão o tema da língua. O que foi feito? O que está a fazer-se? Que caminhos novos, ou mesmo redescobertos, poderão ser trilhados para cuidar da nossa língua?

Eis três questões singelas a que, certamente, serão dadas respostas aqui, hoje. Para tal, temos connosco pessoas versadas que, quer pelo seu percurso académico, quer pelo seu percurso profissional e pelas funções que desempenham ou desempenharam, nos ajudarão a tornar mais conscientes da importância nevrálgica desta vertente da nossa cultura. Mais uma vez o nosso agradecimento.

P. s. – Já com a composição dos textos em andamento, tivemos o infausto acontecimento da morte do Professor Doutor Lúcio Craveiro da Silva (Tortosendo, 27 de Novembro de 1914 – Braga, 13 de Agosto de 2007), no pleno exercício de Presidente do Conselho Cultural da Universidade do Minho. Ainda fomos a tempo de, em singela homenagem, incluir, em

Apêndice, um dos seus ensaios, atinente à temática aqui presente. Aí é afirmado que «só depois de conhecida e dominada a “palavra” pôde iniciar-se o diálogo das culturas [...]».